AS RAZÕES DE MINHA ATTITUDE

MANIFESTO DO CORONEL HERCULANO DE CARVALHO E SILVA, COMMANDANTE DA FORÇA PUBLICA DE S. PAULO, AO POVO PAULISTA

Desde que circumstancias imperiosas me obrigaram a uma iniciativa, de todos conhecida e, posteriormente, a assumir o governo militar de S. Paulo, concertei commigo mesmo, tão logo me fosse dado vagar, dirigir-me ao nobre e altivo povo bandeirante, numa exposição simples e franca dos motivos que me levaram a ambos os actos.

Razões de ordem moral e material, quaes as decorrentes de uma brusca transição na vida do Estado e na minha vida de militar, impediram-me, até hoje, dar satisfacção áquelle desejo, cada vez mais crescente ante juizos precipitados ou commentarios perversos e propositados, com que se pretendia desvirtuar a rectidão de minha conducta.

E' chegado o momento. Assegurada a ordem publica, sériamente ameaçada por elementos extremistas, como adiante se verá; garantido o funccionamento normal das varias Secretarias e repartições publicas, estaduaes e municipaes, com a simples substituição dos titulares pelos mais graduados chefes de serviço; e, finalmente, entregue o governo militar do Estado a quem me foi determinado, o general Waldomiro Castillo de Lima, já posso coordenar idéas para expôr, aos meus irmãos de S. Paulo, as razões de minha attitude.

Não vou escusar-me e, muito menos, accusar a quem quer que seja. Limitar-me-hei a citar os factos taes como se passaram, adduzindo provas do que affirmar, não todas e nem de tudo, mas as necessarias para que o heroico povo bandeirante possa formar criterio exacto de quem, involuntariamente, lhes foi causa do maior dos desesperos. Que me julguem os homens sensatos de S. Paulo, aquelles que ainda não têm embotado o sentimento de fraternidade, de humanidade, de justiça. Acurvar-me-hei ao seu "veredictum", na certeza de que, um povo que se soube portar com tanta inteireza de animo numa campanha por demais ardua e absorvente, ha-de fazer justiça áquelle que poz de parte a pequena tranquillidade de espirito que lhe restava, e a propria segurança pessoal, para assumir uma attitude desassombrada e vir defender toda a construcção de uma cidade maravilhosa, e toda a segurança de uma população já bastante martyrisada.

O MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA

Quando, a 8 de Julho, reunidos os commandantes de unidades da Força Publica no gabinete do meu antecessor, o então coronel Julio Marcondes Salgado, por elle fomos officialmente inteirados do movimento constitucionalista, a irromper no dia seguinte; dos seus labios ouvi que a Força Publica de S. Paulo se limitava a manter a ordem, de promptidão nos quarteis e obediente ao governo do Estado. A's unidades do Exercito, aquarteladas no Estado, é que competia a acção, secundadas por outras, em diversos pontos do paiz, principalmente no Rio Grande do Sul e em Minas Geraes, alliados de S. Paulo na chamada Frente Unica.

Dada a extensão do movimento — assegurou-nos o nosso malogrado commandante — o governo provisorio resignaria dentro de 48 horas, sem que se derramasse siquer uma gota de sangue.

A despeito de taes declarações categoricas, ainda bem vivas na lembrança dos que as ouviram, dois dias depois tivemos ordens de deixar os quarteis e concentrar-nos em Mogy das Cruzes, já na espectativa de prosseguirmos viagem até defrontar o adversario.

A proposito, o tenente-coronel M. Marinho Sobrinho endereçou ao meu antecessor a seguinte carta, dada á estampa na "A Platéa" de 5 do corrente, e aqui transcripta:

> "Ao prezado camarada comte. Salgado.
> Meus attenciosos cumprimentos.
> Infelizmente ao contrario de suas peremptorias declarações e do sr. dr. Waldemar Ferreira, secretario da Justiça, está a nossa Força Publica empenhada numa sangrenta luta entre irmãos, sem uma causa perfeitamente justa, como penso. A attitude tomada por seu commando e pelo governo, do dia 10 para cá, surprehendeu-me pesarosamente, o mesmo acontecendo, como é de se prever, aos commandantes de unidades. Lembre-se o camarada que, na ante-vespera do movimento revolucionario, tendo reunido á noite, em seu gabinete de trabalho, todos os commandantes de unidades, declarara-lhes, na presença do sr. secretario da Justiça, que os officiaes da 2.ª Região Militar, apoiados pelo sr. general Klinger, iam fazer uma revolução contra o governo dictatorial, contando com elementos das outras guarnições militares de outros Estados, para attingir os seus objectivos, e que ficára combinado que a Força Publica se conservaria de promptidão em attitude defensiva e obediente ás ordens do governo do Estado. Tendo o sr. dr. secretario da Justiça, que chegára no momento, confirmado suas declarações, dizendo que a Força Publica ficaria de promptidão e na defensiva, respondi-lhe, na sua presença e dos meus collegas, commandantes de unidades, que estava de pleno accôrdo, porque quem se defendia conquistava um direito.
> De suas declarações, confirmadas pelo sr. secretario da Justiça, capacitei-me de que o governo do Estado não tomaria parte nessa então projectada revolução, no que faria muito bem. Entretanto, sr. commandante, a Força Publica e com ella os seus commandantes de unidades foram traidos. Rebentada a revolução, sem que houvesse mais entendimento algum, nem tempo para que os commandantes de unidades pudessem combinar uma attitude, foram mandados urgentemente para o "front", uns após outros. Isso, reolto, foi uma verdadeira traição! Para manter a ordem publica, para manter as autoridades e a autonomia do Estado — para manter a ordem em qualquer parte do territorio nacional e para manter a soberania e a integridade da Patria no exterior — o militar não deve ser consultado, mas para fazer uma revolução contra a autoridade constituida do paiz — é preciso que seja consultado, porque se trata de uma resolução illegal, e, como sabe, o militar não é obrigado a cumprir. Não protestei publicamente contra o acto que atirou a Força Publica e este grande Estado á revolução porque, infelizmente, o povo incontinentemente a acceitou, enthusiasticamente.
> Não o promovi, porque fui e sou contrario a qualquer movimento revolucionario, porém confesso que tive sympathias pelo movimento do dia 23 de Maio, que visou dar a S. Paulo o governo de si mesmo e restabelecer sua autonomia, para o qual se recebesse ordem podia cumprir, sem grande contrariedade, porque se tratava de uma acção peculiar á missão da Força Publica. Na actual situação, porém, estava em franco conflicto com minha consciencia, e só não faço um protesto publico porque velo que o povo deste grande São Paulo está delirantemente integrado neste movimento revolucionario, que considero uma louca aventura. Diante do exposto e pelas razões apresentadas neste memorial, esmero que só utilisará de meus serviços nesta capital, no commando deste Centro de Instrucção Militar, onde, com a mesma solicitude de sempre cumprirei suas ordens, embora profundamente contrariado, porque vejo a Força Publica e S. Paulo arrastados para um grande abysmo.
> Só a impetuosidade do povo me compelle a ficar em silencio, diante de suas loucuras sem precedentes, na historia de S. Paulo.
> Do camarada attencioso,
> a) M. MARINHO SOBRINHO.
>
> 12—7—932.

Qual a minha attitude? Como paulista e brasileiro, eu não approvava o movimento, uma vez ideado, no dizer de muitos dos meus camaradas, para repôr, na posição de mando, velhos politicos profissionaes. Como soldado, puz-me á frente de minha tropa e parti, conscio do meu dever de militar. Nem a mais leve queixa me afiorou aos labios, ao contrario do que succedeu a varios companheiros, alguns immediatamente presos, por se recusarem a seguir, e outros que exteriorisaram o seu protesto.

Não obstante, estavamos em attitude de espectativa, quando surgiu uma nova concepção de plano, segundo a qual a victoria seria garantida sem um unico disparo de fuzil: as tropas paulistas formariam alas á passagem das de Mato-Grosso, vanguardeiras das guarnições do Rio Grande do Sul, que tinham no seu flanco esquerdo as de Minas Geraes. TRATAVA-SE, POIS, DE UMA SIMPLES PARADA MILITAR, MERA MARCHA TRIUMPHAL ATE' O RIO DE JANEIRO.

Pura illusão! Desde logo se nos apresentou a realidade de uma resistencia armada das tropas federaes, a embarrar-nos, nas fronteiras do Estado, a passagem para a Capital da Republica. Dahi, novo plano: enquanto as hostes constitucionalistas permaneciam inactivas, promovi-se a ida de emissarios, para tratar, com amigos communs, da renuncia do governo provisorio, afim de evitar-se grande derramamento de sangue.

Foi, então, que me atiraram ao Tunnel, naquelle inferno que, dia a dia, menos se seciava de vidas preciosas, onde, entretanto, nunca me passou pela idéa rebellar-me contra situação differente da que nos foi assegurada.

Antes, com o surto maravilhoso da revolução constitucionalista — o encrossar dos seus exercitos pela mocidade pujante de minha terra; o desdobrar de todas as actividades em prol da sacrosanta causa, tambem eu, já descrente de varias campanhas com ideal politico, tambem eu fui tomado do maior enthusiasmo, e acreditei triumphasse a revolução, porque era do povo e para o povo.

Não descreverei, aqui, o que foi a luta naquelle lendario Tunnel. A imprensa já alli esteve; dalli se retiraram innumeros soldados, que já disseram do que tenha sido a guerra naquelle ponto norte do nosso Estado; e dalli, principalmente, proveiu o luto para muitos dos nossos lares.

NO COMMANDO GERAL DA FORÇA PUBLICA

Alli permanecia, no meu posto de honra, já identificado com o movimento de 9 de Julho, quando o fallecimento do general Marcondes Salgado foi colher-me, entre pesaroso e surpreso, para assumir o commando geral da Força Publica. Nunca ambicionei o encargo, de tanta responsabilidade e sacrificio, e para o qual, decididamente, em tempo de paz não tive propensão. Todavia, acceitei-o e, dias depois, contrariedades de vez as nossas posições no Tunnel, e entregue o commando do sector ao meu valoroso substituto, tenente-coronel Theophilo Ramos, tornei a S. Paulo e assumi a direcção da Força Publica.

O meu primeiro acto, ao depois de investido do commando, foi reunir os camaradas presentes em S. Paulo, contar-lhe das razões que me levaram áquelle gesto e pedir-lhes esquecessem antigos ressentimentos, se os tivessem, e me facilitassem, com o seu poderoso auxilio, levasse a bom termo a nova missão. Delles tive a segurança do seu apoio, que nunca me faltou, mesmo nesta hora de duvidas e de incertezas, em que se pretende desvirtuar a rectidão de minha conducta.

Puz-me, logo, em entendimento com o chefe supremo das Forças Constitucionalistas e, quando chamado ou para qualquer resolução, com os membros do governo de S. Paulo. Acompanhava, então, de perto, a marcha das operações em todos os sectores, e mais se me radicava no espirito a certeza de que, o infernal Tunnel de tantas campanhas, tripudiou e desolador, ainda o era menos que o commando geral da Força Publica nesse periodo de attribulações.

Uma, duas semanas passadas, em contacto directo com todos os que tiveram a iniciativa da revolução: com as associações de classes e outras entidades, que não mediam esforços nem sacrificios para levar a bom termo o grandioso movimento; e com a mocidade bandeirante e a população de S. Paulo, aquella a pedir armas para seguir, e esta a despoiar-se de tudo para cooperar na victoria final, confrangia-me o coração ao verificar que tanto desprendimento não tinha a sua justa correspondencia com as operações de guerra.

Até então, os reductos mais combatidos eram os do sector norte, onde o adversario concentrára o grosso dos seus exercitos e, nós, os mais aguerridos soldados da nossa milicia, contingentes do exercito experimentados nas lides guerreiras e valorosas tropas irregulares. Os demais sectores — e extensos eram todos — ainda não haviam experimentado as armas contrarias, a não ser o do Sul, já em inicio de franca actividade.

SUPERIORIDADE DE HOMENS E DE ARMAMENTO

Dia a dia, a despeito de desmentidos dos que não queriam vêr e não queriam ouvir, mais numerosas se tornavam as hostes adversarias, mais bem armadas e municiadas, com reservas para substituir as tropas cansadas, e contingentes para atirar a outros pontos das nossas extensas fronteiras, taes as que confinam com territorio mineiro e paranaense. Não vem ao caso aqui relembrar o insuccesso das nossas armas na frente de Itararé, Bury e Eleuterio, nem as victorias que conseguimos em outros pontos dessas mesmas fronteiras, graças, principalmente, ao denodo de diversos commandantes, entre os quaes é justo distinguir os tenentes-coroneis Romão Gomes, Virgilio Ribeiro dos Santos e Arlindo de Oliveira. Entretanto, o de que não me furto, nesta exposição sincera ao povo paulista, é de estabelecer ligeiro cotejo entre os seus e os nossos homens, as suas e as nossas armas.

Qual o effectivo adversario, e qual o nosso? Difficil estabelecer-se o primeiro, de sector em sector dia a dia augmentando por contingentes vindos de todas as partes do Brasil, gente aguerrida, tropa quasi toda regular, já provada em varias campanhas. E o nosso? A contar-se pela quantidade de fuzis e Winchester, não ia além de trinta e cinco mil homens. Note-se que nem todos os fuzis tinham o funccionamento perfeito, garantido, e boa parte era descalibrado.

Mau grado essa inferioridade de homens e armamentos, o denodo, o animo alevantado, a vontade de vencer de quasi toda a nossa tropa, regular e irregular, procuravam estabelecer um possivel equilibrio. Isto nos primeiros trinta dias de operações, quando todos confiavam no advento de um destes tres factores estranhos á luta, que já ensanguentava o solo paulista: 1.º) o planejado golpe de estado, na capital da Republica; 2.º) o levante, em peso, do Rio Grande do Sul e de Minas Geraes, afóra levantes parciaes em outros Estados; 3.º) a vinda de armamentos e munição do estrangeiro. Afóra isso, a adhesão da Marinha e o reconhecimento de estado de belligerancia.

ARMAMENTO E MUNIÇÃO

Mais ou menos em fins de Julho, o ex-secretario da Fazenda, em carta que me dirigia e em repetidas palestras em palacio, communicava-me estar em entendimento com firmas estrangeiras, afim de adquirir o indispensavel armamento para vencermos a guerra. Rejubilei-me, de coração aberto, ante nova tão promissora, porquanto poderiamos duplicar, talvez triplicar os homens que já se achavam em campanha.

Passaram-se dias, semanas, mezes, e daquelle fabuloso armamento, e daquella copiosa munição nunca mais tive noticias. Verdade é que aqui chegaram alguns aviões, naturalmente porque o espaço lhes era livre, e não necessitavam quer das aguas do Atlantico, quer das do Paraná, cujo leito, em meio a luta, já nos era vedado.

Para corrigir a deficiencia de armamento e munição, nos campos de batalha os soldados da lei operavam maravilhas, enquanto na capital se improvisavam armas de guerra e munição, á custa sabe Deus de quanto sacrificio, de quantas victimas immoladas nas experiencias.

Por que não se adquiriu, de prompto, esse armamento e essa munição, quando as fronteiras do sul do Estado e o nosso principal porto ainda nos estavam franqueados? Dizem que na esperança de, mais dia, menos dia, acudirem em nosso auxilio, bem armados e municiados, os nossos irmãos do Rio Grande do Sul e Minas Geraes.

A ACÇÃO DA IMPRENSA E DO RADIO

Neste passo, justamente, é quê se fez sentir, contraria á verdade dos factos, a acção da imprensa e do radio. Os nossos jornaes, quasi todos, no louvavel intuito de animar a população e, principalmente, os que se encontravam no campo de luta, davam credito ao que se lhes insinuava ou fantasiava, de fonte official ou meramente informativa, quem sabe se até de origem tendenciosa.

Repetia-se mais uma vez e agora em grandes proporções, facto que se verificara nas campanhas de 24 e 30, e até na grande guerra, o que nos informaram officiaes que nella tomaram parte.

Para coibir-se taes successos, já previstos, no inicio do movimento, criou-se um Departamento de Publicidade, incumbido de fornecer o noticiario das operações aos jornaes e ás estações radio-transmissoras, e censurar as noticias que os proprios jornaes colhessem.

Exerceu efficientemente a sua missão, o Departamento de Publicidade? Os factos demonstram o contrario.

Não obstante, talvez não lhe caiba tanta culpa, como, raciocinando bem, culpa tambem não cabe á imprensa, victima, como todos, do inimigo commum desta campanha — aquelle que não queria acreditar na evidencia dos factos, e timbrava em transmittir a outrem a allucinação de que era possuido. Assim foi e assim será sempre neste nosso paiz, cheio de visionarios e cheio de utopistas.

Como se criavam taes fantasias? Ignoro. O que é certo, no entanto, é que os nossos diarios davam curso ás mais animadoras noticias, lidas e commentadas com grande eloquencia nos microphones dos radios, e soffregamente absorvidas por todos quantos anslavam pelo termino da luta com a nossa victoria final.

A illusão era tão perfeita, tão verosimeis, tão necessarias as noticias, que no proprio palacio do governo lhes davam credito, como se de facto correspondessem á verdade.

Não faz muito, aggravando-se a situação em quasi todos os sectores, já quasi que insustentavel no de Campinas, não tive mãos em mim e fui, em companhia do chefe do E|M da Força, tenente-coronel Julio Cesar Alfieri, até ao governador do Estado. Tivemos uma longa conferencia a portas fechadas, no Salão Amarello, durante a qual o puzemos ao par da verdadeira e angustiosa situação das nossas tropas. Vimol-o acabrunhado, ante a surpresa da nossa exposição, tão differente, tão contraria ao que lhe diziam os frequentadores do palacio, os seus apaniguados, os partidarios desta falsa politica. Horas depois — informaram-nos — reanimava-se o Embaixador, homem de fina tempera, mas excessivamente credulo e optimista, ao ouvir o relato de um feito qualquer, dos mais disparatados e favoravel á nossa causa.

A IMPRENSA E O COMMANDO GERAL

Vem a proposito aqui esclarecer um ponto em que, no dizer de um dos jornaes, fui versatil nas minhas opiniões. A 9 de Setembro, quando se commemorava o segundo mez de revolução, convidaram-me para dizer algumas palavras, pelo radio, ao povo paulista. Avesso a discursos, seria indelicadeza de minha parte esquivar-me ao que me pediam, mesmo porque nessa commemoração tomavam parte os chefes civis e militares da campanha constitucionalista. Não podia recusar, a despeito de bastante contrariado.

Para thema de minha palestra escolhi o valor do nosso soldado, por todos reconhecido e proclamado. Eu não faltava, pois, com a verdade. Onde me arguem os meus censores é na affirmação "Dahi, a enorme série de victorias que conseguimos, prenuncio seguro, para muito breve, da nossa victoria final". Queriam elles, accaso, que dissesse o contrario? Pretendiam, porventura, que eu puzesse em duvida, na occasião, a palavra do governo, de que logo se manifestaria na luta um dos tres factores já apontados, quando não os tres conjuntamente?

Releva ainda ponderar que estavamos a 9 de Setembro, e em vinte e um dias de guerra muita coisa podia succeder. Além disso, promissoramente se iniciava a marcha da columna "Romão Gomes", nesse mesmo dia empenhada na retomada de Vargem Grande.

Foram minhas palavras, dadas á publicidade no dia seguinte:

> "Seja permittido a um velho soldado dirigir-se ao povo de S. Paulo e, em particular, á mocidade bandeirante. Como soldado, a sua linguagem é simples, despretenciosa, franca, porventura rude, temperada nos embates de uma vida em que se contam os dias de serenidade, a que se sobrepõem as agruras de continuas e duradouras campanhas.
> A tudo se habitua o militar. E, quando está identificado com a causa que lhe poz armas nas mãos, como a em que ora nos achamos, transmudam-se os factos e, mais felizes do que os que ficam, retidos por qualquer circumstancia, são os que, no campo da luta, no campo de honra, se empenham na defesa de um principio, combatem por um ideal alevantado.
> Eis o que succede commigo, com os meus soldados, com todos os que empunharam armas pela causa sacrosanta do Brasil. Vezes sem conta tenho percorrido todas as frentes em operações, em contacto directo e intimo com os que, nas trincheiras e nos acampamentos, destemidos e valorosos, menosprezam a propria vida em proveito de um Brasil unido, legal, digno de suas tradições.
> E, das observações colhidas, do muito que observei e puz em prova, irmanados os contingentes do Exercito, da Força Publica e dos Batalhões de Voluntarios, não se podia distinguir quaes os mais adestrados nas lides militares — se o voluntario, se o soldado do Exercito, se o da Força. Em porfia, cada um sempre timbrava em sobrexceder aos outros, em inigualaveis provas de bravura, traçando dest'arte sublime e brilhante pagina da nossa historia, que eternisará o valor desta geração bandeirante.
> Dahi, a enorme série de victorias que conseguimos, prenuncio seguro, para muito breve, da nossa victoria final."

AINDA MUNIÇÃO

Não me furto, numa ultima analyse a este factor preponderante do nosso desastre militar, a um facto que se verificava no sector norte. Não lhe dei credito, a principio, tão inverosimil, tão impossivel me parecera. Só mesmo com a affirmativa insuspeita de alguns officiaes, pude acreditar na sua veracidade.

Por falta de munição, que insignificante era a quantidade produzida por nossas fabricas, imaginaram os soldados constitucionalistas algo que a substituisse, ainda que na apparencia: mandaram construir, nas officinas da Rêde Sul-Mineira, em Cruzeiro, uma especie de matraca. Sacudida com pulso vigoroso, dava a impressão de tiros de fuzis e de metralhadoras. O mesmo effeito obtinham de motocycletas, postas em funccionamento.

Commoveu-me a narração desse facto. Espantou-me heroismo nunca visto, sem exemplo na historia dos povos. E, voltado a mim do espanto e da commoção, fui preso de um sentimento de revolta, de incontida indignação. Aquillo já não era humano. Já não era desprendimento: raiava pela loucura.

Um crime continuar-se a luta daquelle modo. Um crime permittir-se que aquelles moços se expuzessem ás balas adversarias, aos "schrapnels", ás granadas, ao metralhar dos aviões, e tivessem, como armas de defesa, instrumentos que não o eram, na persuasão de illudir o adversario quando, na verdade, procuravam illudir-se a si mesmos...

O APOIO DO RIO GRANDE E DE MINAS

Noticiavam, os jornaes, levantes no Sul e em Minas. Tão grande lhes era o alcance que, em se tornando conhecidos, já estaria terminada a guerra com a victoria da nossa causa. De quanto eram infundadas taes noticias basta saber-se do exilio a que foram condemnados os proceres riograndenses drs. Raul Pilla e Lindolpho Collor, e da prisão dos drs. Borges de Medeiros e Arthur Bernardes.

O GOLPE DE ESTADO NA CAPITAL DA REPUBLICA

Pessoas vindas, na occasião, do Rio de Janeiro, já deram circumstanciadas noticias do que foi o planejado golpe de estado, que abortou mercê de severas medidas policiaes.

Não é preciso concluir que contra nós se voltavam todas as armas, todos os recursos com que contavamos ao iniciar-se o movimento, mesmo porque seria rematada loucura imaginar-se que, mal preparado como se achava, isolado do resto do mundo, São Paulo pudesse levantar-se contra todo o Brasil, e vencel-o.

O DESASTRE DE ELEUTERIO

Da marcha dos acontecimentos militares, desde a retirada de Itararé, de Faxina, de Bury, á linha do Paranapanema, e da impossibilidade militar de sustentar-se a linha defensiva da frente mineira, em virtude da diminuta guarnição, era informado o governo do Estado e o proprio general Klinger. Certifiquei-os minuciosamente, da exacta situação da frente leste que, rompida pelo adversario — o que era facil — havia de trazer fatalmente o fracasso das operações, pois de nada valeria manter-se com firmeza as frentes norte e sul.

Todos os cuidados do nosso E|M se voltavam para Eleuterio, mas a falta de munição e recursos de homens armados provocaram a sua quéda, aliás prognosticada em tempo ao governo do Estado, que não lhe dava credito.

A linha defensiva do Camanducaia, Jaguary e Atibaia seria irrisoria, uma vez abandonadas as serras do leste. E a grande brecha para o oeste e sul estaria aberta ás hostes contrarias, obrigando-nos a dividir a columna alli operante a um retrahimento sobre Casa Branca e Camanducaia.

Foi-me objectado, então, que emissarios do governo, vindos de Minas, haviam assegurado que as tropas mineiras manteriam uma attitude de não hostilidade dentro das suas proprias fronteiras, o que em parte era confirmado pelos officiaes mineiros aos paulistas que os defrontavam. Eis que de repente, quando menos se esperava, a columna general Jorge Pinheiro rompe a offensiva sobre uma linha insignificante que mantinhamos, por falta de elementos recusados em occasião opportuna, sob o pretexto de que não convinha enfraquecer as outras frentes. Como consequencia, a ruptura da frente leste mineira. A partir desse momento, nenhuma outra esperança de resistencia se nos apresentava. Os retrahimentos subsequentes foram impostos por uma situação militar de facto, a que nenhum critico-militar poderá oppôr a menor contestação.

De Jaguary, então, o coronel Eduardo Lejeune me enviava o seguinte telegramma:

> "O desastre de hoje não é o decimo, nem será o ultimo, infelizmente, dada a nossa esmagavel inferioridade em armas. Amanhan Jaguary será bombardeada como Pedreira foi hoje, e depois Campinas e Jundiahy terão a mesma sorte, sem lograrem melhor defesa por absoluta falta artilharia e aviação, bem como deficiencia armas automaticas. Não se illuda, meu querido amigo, nem leve a mal esta franqueza, explosão de lealdade de quem é muito paulista e grande admirador patriotico governo de S. Paulo. Acabo pedir coronel Palva para combinarmos outra linha resistencia em vez daquella que traçou hoje rio Camanducaia — Guedes — fazenda Camanducaia — fazenda Fortaleza — fazenda Jaguary — fazenda Roseira e Entre Montes. Qualquer que ella seja, porém, será quebrada se em nosso soccorro não vierem armas iguaes ás do inimigo. Attenciosas saudações. — (a.) — Cel. Lejeune".

CAMPINAS, NOSSA DERRADEIRA ESPERANÇA

Estavam as coisas neste pé quando, a 15 de Setembro passado, tive ordem do general Klinger de substituir, no sector de Campinas, o coronel Oscar Saturnino de Paiva, official de Engenharia do nosso Exercito dos mais capazes, não só por diplomado pela Escola de Estado Maior, como pelo Curso de Revisão, que é orientado pela Missão Militar Franceza.

Esse chefe militar que, em Jaguary, por sua vez assumira o commando do sector João Dias, já desanimara ante adversario tão numeroso e bem aprestado, impotente para conter a debandada de sua tropa, cansada, estropiada, mal armada e municiada, impossibilitada já de combater. Tão grande o desanimo do experimentado militar que, ao ter sciencia de cogitar-se levar a effeito uma offensiva, planejada pelo valoroso commandante Virgilio Ribeiro dos Santos, telegraphava nos seguintes termos ao chefe do E|M da Força Publica:

> "Urgente — N. 55 — E|M — Resposta vosso urgente informo considerar méra phantasia qualquer idéa offensiva. Entretanto não querendo prejudicar o tacico que a aconselha, ponho sua disposição o Commando e a tropa para que a execute. ALEGRE POR ENCONTRAR QUEM ESPONTANEAMENTE TOME A CRUZ SOB CUJO PESO NESTES DOIS DIAS CAHIREI ESMAGADO".

Pois bem. Alli chegando, combinei com o commandante do sector, coronel Eduardo Lejeune, e com o chefe do E|M da Força o contacto directo com as primeiras linhas, e pessoalmente dirigirmos as operações. Nos ultimos dias de Setembro, ao tentar segurar Carlos Gomes, atacado por adversario poderoso, munido de muita artilharia, armas automaticas e munição, desde logo vi desguarnecido um dos flancos e rompido o centro da linha. A minha situação era a de um simples soldado, prestes a cahir prisioneiro ou ser morto, a avançada contraria já á vista e despejando tiros a 50 metros. Para detel-a, cheguei a tomar posição com uma arma automatica, que me garantiu a retirada. Isto no flanco esquerdo. No direito, Pupos, na mesma occasião facto identico se verificava, assistido pelo chefe do E|M., tenente-coronel Julio Cesar Alfieri.

A COLUMNA "ROMÃO GOMES"

As operações da frente leste, a partir da queda de Eleuterio, tiveram a assistencia do E|M do general Klinger e do seu chefe, o bravo coronel Oswaldo Villa-Bella, que acompanhou de perto as necessidades desse sector. Com a tomada de Carlos Gomes resolvi chamal-o e com elle concertar o retrahimento da columna "Romão Gomes", afim de tentarmos, com tropa que ainda conservava o animo dos primeiros dias, sustentar Campinas por mais algum tempo. Seria uma derradeira tentativa para permittir que um dos tres factores apontados, com segurança sempre promettidos pelo Governo, se manifestasse. Todos nós já estavamos convictos de que pelas armas, só com as nossas armas, era impossivel vencermos, e que a quéda de Campinas prenunciava a nossa derrota e o esmagamento de S. Paulo. Cortada já a nossa communicação pela Mogyana, estavamos em risco de perder a Paulista e a Sorocabana, e ficar sitiados em S. Paulo, a lutar desesperadamente contra tudo e contra todos, até com a falta de viveres.

Foi, então, que a 25 de Setembro recebi a seguinte carta do subchefe do E|M da Força Publica, tenente-coronel Euclydes M. Machado, official dos mais acatados e ponderados:

> "Prezado amigo e senhor commandante Herculano de Carvalho e Silva
>
> CAMPINAS
>
> E' esta para communicar-lhe que acabo de vir da residencia do sr. dr. Plinio Barreto, onde fui ter espontaneamente, e com quem conferenciei sobre a possibilidade de um entendimento com o governo provisorio para a cessação da luta, sem que disso resultasse qualquer deslustre para a honra de S. Paulo. Depois de fazel-o sciente da realidade da situação das nossas tropas, angustiosa sob todos os pontos de vista, pela deficiencia de material bellico e pela falta do promettido concurso de Minas e Rio Grande, bem que s. s. se mostrase surpreso, por elle sou-be que as noticias dos jornaes sobre levantes nesses Estados não tinham o alcance que se lhes dava.
> Inteiramente favoravel a um accôrdo, o dr. Plinio Barreto adiantou-me que já havia um emissario na Capital da Republica para tratar do assumpto, proposto nas seguintes bases: a entrega do governo da União ao presidente do Supremo Tribunal Federal e o dos Estados aos respectivos ministros-presidentes.
> Disse-me estar convicto de que essa proposta não seria acceita, mas que daria margem a uma contra-proposta, base inicial para a cessação das hostilidades.
> Accrescentou, ainda, que o Governo do Estado não tem o direito de martyrisar os sete milhões de habitantes por uma simples questão de amor proprio.
> O dr. Plinio ficou de procurar os membros do Governo para conferenciar a respeito e amanhan irei de novo procural-o, afim de saber do resultado das "demarches". Estou confiante na sua acção desinteressada e patriotica, mesmo porque se trata de um paulista de grande envergadura moral e que não quer a ruina de S. Paulo
> Attenciosas saudações".

A despeito de interessar-me sobremodo o assumpto, não tomei iniciativa alguma, e esperei o proseguimento das operações militares, naquella ultima tentativa, e a patriotica intervenção do illustre paulista dr. Plinio Barreto. Que outrem resolvesse ou procurasse o meio de resolver aquella situação, já que o Governo não queria chamar a si um entendimento honroso, emquanto era tempo, e de que nos adviriam, forçosamente, os beneficios dessa iniciativa.

No dia seguinte, alta hora da madrugada, recebi um telephonema de S. Paulo, em que me communicavam que o valoroso official do Exercito Brasileiro, coronel Alexandrino Gaia, do sector do norte, com insistencia me pedia fosse a S. Paulo e lhe marcasse hora, para nos encontrarmos. Assumpto urgente. Pedi-lhe que viesse a Campinas, porquanto não me era possivel abandonar, ainda que por horas, o meu posto de commando. Effectivamente, o coronel Alexandrino Gaia alli comparecia no dia 27, como representante de varios commandantes de unidades do Exercito, e expunha a razão de sua viagem, consubstanciada na acta aqui transcripta:

> "Aos vinte e sete dias do mez de Setembro de mil novecentos e trinta e dois, ás nove e meia horas, numa das salas do P. C. do commando do destacamento em Campinas, situado no predio do ex-Campinas-Hotel, convocados pelo coronel Herculano de Carvalho e Silva, commandante geral da Força Publica do Estado, compareceram os seguintes officiaes: coroneis Herculano de Carvalho e Silva, Eduardo Lejeune e Alexandre Gama; tenentes-coroneis Alexandrino Gaia, Patricio Baptista da Luz, Luiz de Faria e Souza, Virgilio Ribeiro dos Santos, Romão Gomes e Mario Rangel, e major José da Silva. O coronel Herculano de Carvalho e Silva, fazendo uso da palavra apresentou o valoroso official do Exercito Brasileiro, commandante de um dos sectores do valle do Parahyba, para expor a situação militar daquella frente e a sua projecção sobre os demais sectores da luta. O referido official demonstrou á evidencia que VARIOS FACTORES DE ORDEM MORAL E MATERIAL TORNAVAM INSUSTENTAVEL A MANUTENÇÃO DAS POSIÇÕES E A CONTINUAÇÃO DA GUERRA NO VALLE DO PARAHYBA, SENDO INEVITAVEL O RECUO PROGRESSIVO DOS ELEMENTOS QUE ALLI COMBATEM DESDE O INICIO DAS HOSTILIDADES. Assim pensavam todos os officiaes que com elle cooperam, do Exercito e da Força Publica, unanimes em reconhecer o sacrificio immenso a que seriam expostos os habitantes das cidades e villas sujeitas aos horrores da luta. A continuação da resistencia corresponderia á destruição completa da prospera e rica região occupada pelas tropas. A UNICA SOLUÇÃO QUE VIAM PARA A SOLUÇÃO DESSE COMPLEXO PROBLEMA ERA A PROPOSTA DE UM ARMISTICIO PARA A CESSAÇÃO IMMEDIATA DA LUTA. E, no momento, dada ainda a situação de relativa consistencia dos nossos elementos, poderiamos negociar um accôrdo em que ficassem resalvados dois pontos importantissimos para o bom nome e prestigio dos que se achavam á testa do movimento: A DIGNIDADE MILITAR E A GARANTIA DOS INTERESSES MULTIPLOS DE ORDEM POLITICA E ECONOMICA DO ESTADO E DA NAÇÃO. O coronel Herculano passou a ler a seguir as cartas de apoio para essa iniciativa, que acabava de receber dos seguintes commandantes de tropas da Força Publica que operam naquella região: tenentes-coroneis Octaviano Gonçalves da Silveira, Theophilo Ramos e Antonio Inojosa e major Benedicto Ferreira de Souza. Assim inteirados da exacta situação daquelle sector, fizeram uso da palavra diversos commandantes, accordando todos, sem uma unica excepção, QUE O QUE SE PASSAVA NO VALLE DO PARAHYBA NÃO ERA UM PHENOMENO LOCAL E SIM GERAL, pois nos demais sectores a contingencia era a mesma, resolvendo que DIANTE DA IMPOSSIBILIDADE DA VICTORIA PELAS ARMAS, ERA UM DEVER PATRIOTICO CESSAR IMMEDIATAMENTE A LUTA, para evitar novos e pesados sacrificios ao Estado e ao Paiz, deliberando: 1.o) Ficava o coronel Herculano de Carvalho e Silva, apoiado pelas forças do Exercito e da Força Publica, indicado para entrar em entendimento immediato com as autoridades militares e civis, estaduaes e federaes, PARA A CESSAÇÃO DA LUTA; 2.o) No caso de encontrar resistencia por parte de qualquer desses elementos, ficava igualmente autorisado a agir como supremo representante das forças em armas, concertando com o adversario o accôrdo almejado; 3.o) Que fossem scientificados dessa deliberação os camaradas do sector sul; 4.o) Que as providencias necessarias para o inicio das negociações tivessem execução immediata. Para constar foi lavrada a presente acta que, depois de lida e achada conforme, vae por todos assignada, ficando o original em poder do coronel Herculano de Carvalho e Silva, e uma copia devidamente authenticada no archivo do commando do destacamento. Eu, servindo de escrivão a dactylographei, etc. Seguem-se as assignaturas".

As cartas a que me referi naquella reunião são as seguintes:

> Ao exmo. sr. coronel Herculano de Carvalho e Silva, commandante da Força Publica:
> Nós, abaixo assignados, officiaes da Força Publica, ora em operações no sector norte, commandando tropas cujo effectivo se approxima de 700 homens, tendo em vista a gravissima situação militar do momento, com evidentes desvantagens para nossas armas, e no desejo de salvaguardar direitos e evitar a destruição do patrimonio material de S. Paulo e, principalmente, o massacre das populações indefesas, deliberamos neste momento delegar a v. exa., na qualidade de chefe da Força Publica, amplos poderes para pleitear juntamente com elementos representativos da sociedade paulista (Plinio Barreto, José Maria Whitaker, Altino Arantes, etc.) uma formula que ponha termo immediato á luta que ensanguenta a nossa Patria. Acampamento em Quebra-Cangalha, 26 de Setembro de 1932. — (aa.) Tenente-coronel B. Spindola Mendes, major José C. Valença e major Manuel da Rocha Marques.
>
> Destacamento tenente-coronel Gaia.
>
> Euclydes, meu caro amigo:
> Sendo a nossa situação militar insustentavel, não só pela deficiencia material, como pelo estado de espirito dos commandantes, que não estão mais dispostos a ver sacrificados os seus homens e a afflicção das familias de S. Paulo, sem uma necessidade imprescindivel, conforme tudo é do seu conhecimento, acho de urgencia indiscutivel que se promova um accôrdo que vise a cessação immediata das hostilidades. As clausulas desse accôrdo na posição em que nos achamos, e que já foi melhor, não podemos pretender impor, pois isso seria um absurdo. E' preciso coragem para ser ponderado; não é deshonra reconhecer victoria MATERIAL dos seus adversarios. Eu gostaria que você desse conhecimento deste meu modo de pensar e agir ao tenente-coronel Virgilio e naturalmente ao nosso chefe coronel Herculano. Neste mesmo sentido o major Dino seguiu hoje para S. Paulo com cartas do Octaviano, Inojosa e Ferreira, ao comm